



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

JEFERSON PEDRO DA SILVA

**O CRIADOR E A CRIAÇÃO: ASPECTOS ESPECISTAS EM “*FRANKENSTEIN*” DE MARY
SHELLEY**

GUARABIRA

2022

JEFERSON PEDRO DA SILVA

**O CRIADOR E A CRIAÇÃO: ASPECTOS ESPECÍFICOS EM “*FRANKENSTEIN*” DE MARY
SHELLEY**

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo) apresentado ao Departamento do Curso Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras Inglês.

Orientador: Prof. Dra. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos

GUARABIRA

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Jeferson Pedro da.
Ocriador e a criação [manuscrito] : aspectos especistas em "Frankenstein" de Mary Shelley / Jeferson Pedro da Silva. - 2022.
14 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos , Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Ecocrítica. 2. Especismo. 3. Frankenstein. I. Título
21. ed. CDD 823

JEFERSON PEDRO DA SILVA

O CRIADOR E A CRIAÇÃO: ASPECTOS ESPECISTAS EM “*FRANKENSTEIN*”
DEMARY SHELLEY

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica.

Área de concentração: Teoria e crítica literária.

Aprovada em: 30/11/2022.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
(Orientadora) Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Anilda Alves da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rafael Francisco Braz
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 METODOLOGIA	07
3 BREVES NOTAS SOBRE MARY SHELLEY: VIDA E OBRA	08
4 ESPECISMO	09
5 A REAÇÃO DE VICTOR FRANKENSTEIN SOBRE SUA CRIAÇÃO.	12
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIAS	16

O CRIADOR E A CRIAÇÃO: ASPECTOS ESPECISTAS EM “*FRANKENSTEIN*” DE MARY SHELLEY

Jeferson Pedro da Silva¹

RESUMO

As obras literárias permitem que diversos estudos sejam desenvolvidos acerca das mais diversas temáticas e correntes teóricas e/ou metodológicas escolhidas. Tanta proficiência é comprovada quando recorremos aos clássicos da literatura, que já foram estudados e analisados sob diversas óticas ao longo do tempo. Em *Frankenstein* (2017), de Mary Shelley, observamos um exemplo da opulência de análises acerca da narrativa romanesca sob os mais diversos prismas. A partir disso, escolhemos, na seara dos estudos ecocríticos, a categoria analítica especismo para buscamos compreender como ocorrem os atos de preconceito e discriminação contra o monstro de Frankenstein sob a ótica do especismo. Assim, por meio de uma pesquisa de natureza bibliográfica e documental, utilizamos as considerações de Derrida, Huggan e Tiffin (2016), Singer (2010) e Wolfe (1998) para fundamentar as discussões aqui desenvolvidas. Dessa maneira, verificamos que o homem, como forma de subjugar os demais seres vivos que considera inferior a si mesmo, classifica o não-humano como animal ou animalesco.

Palavras-chave: Ecocrítica. Especismo. Frankenstein.

ABSTRACT

Literary works allow several studies to be developed on the most diverse themes and theoretical and/or methodological currents chosen. Such usefulness is proven when we turn to the classics of literature, which have already been studied and analyzed from different perspectives over time. In *Frankenstein* (2017), by Mary Shelley, we observe an example of the opulence of analyzes about the novelistic narrative from the most diverse perspectives. From this, we chose, in the field of ecocritical studies, the analytical category speciesism to try to understand how acts of prejudice and discrimination against Frankenstein's monster occur from the perspective of speciesism. Thus, through a bibliographical and documentary research, we used the considerations of Derrida, Huggan and Tiffin (2016), Singer (2010) and Wolfe (1998) to support the discussions developed here. In this way, we verify that man, as a way of subjugating other living beings that he considers inferior to himself, classifies the non-human as animal or animalistic.

Keywords: Ecocriticism. Speciesism. Frankenstein.

¹ Discente do curso de Graduação em Letras, Habilitação em Língua Inglesa, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Centro de Humanidades.
E-mail: jeferson.pedro@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Obras literárias são importantes para a formação de muitos profissionais e diversos estudos ao longo da carreira acadêmica. Neste sentido, escolhemos a obra *Frankenstein* (2017) da autora Mary Shelley com vistas a analisarmos a representação da personagem do monstro de Frankenstein sob a ótica do especismo. Para tanto, é importante salientar que se trata de uma obra da era romântica, que traz características do lado emocional e não racional do homem e permite a análise dos personagens onde cada um possui certa particularidade. Tal característica pode ser observada no que ocorre entre Victor Frankenstein e a criatura projetada pelo mesmo, em que Frankenstein o renega imediatamente ao enxergar sua fisionomia anormal. A partir do desprezo de seu criador, o “monstro”, como é denominado por Victor, logo se enfurece e tem uma reação sobre o ato de seu criador.

A importância do estudo ecocrítico acerca da categoria analítica especismo em obras literárias traz possibilidades de novas perspectivas e visões do ser humano e as relações que são estabelecidas com os demais seres vivos. A ecocrítica visa estudar a relação da literatura com o meio-ambiente. Com isso, as reflexões acerca do especismo despertam e desafiam o ser humano a enxergar os extremos da vida, bem como a natureza humana, que é o foco deste trabalho, onde *Frankenstein* será analisada tendo como destaque duas das personagens principais da obra, procurando compreender como o homem busca classificar como inferior os seres que lhes são diferentes ao tomar como base um pensamento etnocêntrico em que o padrão branco euro-americano como base para divisões binárias.

Assim, nosso objetivo geral é analisar os atos e diálogos de Victor Frankenstein e sua Criatura como atos não responsáveis, tendo como base os estudos ecocríticos, além dos deveres do ser humano, partindo de uma premissa de liberdade. Para tanto, como objetivos específicos, buscamos: a) Analisar a forma como Victor Frankenstein trata sua criação em primeiro momento, vinculando as consequências do especismo; b) Refletir sobre aspectos do ser humano ativo e responsivo usando o exemplo do embate de atos e diálogos entre Victor Frankenstein e a Criatura; c) Discutir as formas de como a fala da Criatura didatiza a própria dor, tomando como base as considerações da subjugação proporcionada pelo especismo.

Dessa maneira, é por meio de uma pesquisa de natureza bibliográfica e documental que utilizaremos as considerações de Derrida, Huggan e Tiffin (2016), Singer (2010) e Wolfe (1998) para fundamentar as discussões aqui desenvolvidas acerca das considerações sobre a ecocrítica e, em específico, sobre o especismo o qual é tomado como categoria analítica para que possamos apreender como o padrão humano, branco e euro-americano são utilizados como maneira de subjugar os indivíduos que não se enquadram nesses requisitos. É importante salientar que outro fator é preponderante para a marginalização que ocorre contra o “monstro” que é a maneira como foi criado, o que leva a sociedade na contramão do discurso criacionista religioso.

O interesse pela obra e análise das personagens se deu a partir da oportunidade de leitura da obra de Mary Shelley através da disciplina de Literatura Inglesa III ministrada na Universidade Estadual da Paraíba CAMPUS III, que trabalhou obras românticas em sala, incluindo a obra trabalhada neste projeto.

O embate entre Frankenstein e sua criação representa o discurso especista, uma vez que as ações humanas no romance, especialmente as de Victor Frankenstein contra a sua criatura, marginalizam e oprimem a Criatura. A partir de diálogos e pensamentos dos personagens e atos de um sobre o outro, fica claro que a Criatura possui a necessidade de didatizar a própria dor, tentando fazer com que o outro compreenda que só entenderá a dor do próximo se passar por ela.

Dessa maneira, este trabalho está segmentado em três partes relativas ao desenvolvimento, as quais seguem a partir da seção introdutória ao apresentar logo em seguida a “Metodologia”, depois tecemos “Breves notas sobre Mary Shelley: vida e obra”, um tópico teórico intitulado “O que é o especismo?”, após desenvolvemos a análise “A reação de Victor Frankenstein sobre sua criação” e encerramos com as “Considerações finais”.

2 METODOLOGIA

Este artigo utiliza a abordagem qualitativa, onde “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 32). Levando em consideração as características desta abordagem:

Para Minayo (2001) a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001 *apud* SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, P. 32).

O artigo também carrega atributos da pesquisa básica, levando em conta que tal pesquisa “Objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais.” (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 34). Desta maneira, para a formação do projeto e todo o conteúdo teórico presente, é aplicada a pesquisa bibliográfica que é conceituada por Fonseca (2002):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Assim, a pesquisa se dividiu em três etapas para a sua realização: A primeira etapa parte de leitura e fichamento do referencial teórico em relação às personagens Victor Frankenstein e sua criação, tomando como base estudos bibliográficos sobre a ecocrítica e o especismo. A segunda etapa trata-se da averiguação dos atos e diálogos entre as duas personagens trabalhadas, tal como a escolha de diálogos específicos para serem destacados. Foram feitas as análises dos atos das personagens levando em consideração os estudos Huggan e Tiffin, Singer, Derrida e

Wolfe. Dando continuidade, a terceira e última etapa consiste na produção escrita do artigo, tal como sua finalização.

3 BREVES NOTAS SOBRE MARY SHELLEY: VIDA E OBRA

Mary Wollstonecraft Shelley nasceu em Londres, na data de 30 de agosto de 1797. Seus pais eram William Godwin e a também escritora Mary Wollstonecraft, que faleceu poucos dias após o nascimento de sua filha. Shelley teve uma infância muito promissora quanto aos seus estudos para se tornar uma futura escritora, tendo em vista que seu pai, William Godwin, investia para que sua filha tivesse contato com obras literárias.

Embora o pai de Shelley tenha acreditado no potencial de sua filha, dando oportunidades para o crescimento intelectual da mesma, não era uma época fácil para a autora, principalmente por ser uma mulher; tendo em vista que no período de Mary Shelley as mulheres eram sempre ignoradas e tinham seus direitos reduzidos. Apesar de tantas barreiras, ela seguiu escrevendo seus projetos e procurando as melhores formas de divulgá-los.

Shelley seguiu dando vida a seus livros, mas também vivia o auge de um romance com o escritor Percy Bysshe Shelley. Mary Shelley fugiu de casa aos 16 anos para viver esse amor com Percy Shelley, que não era apenas um simples escritor, mas era um nome polêmico à época por ser considerado rebelde. A fuga também contou com a presença da irmã adotiva de Mary Shelley, Claire Clairmont, que embarcou nessa aventura encabeçada pelo casal. A fuga foi um tanto frustrante para o grupo, pois acabaram seus recursos, fato que obrigou o grupo a retornar à Inglaterra, onde não eram bem vistos pela sociedade.

Percy Shelley foi um proeminente nome do Romantismo e tinha vários contatos com os mais diversos escritores do período, o que facilitou o contato de sua esposa com Lord Byron, autor de vários clássicos do Romantismo. Byron, que se tornou amigo do casal, trabalhou com considerável intensidade o gótico em suas obras e se tornou um dos maiores nomes desse movimento. Assim, Shelley também teve influências da era em alguns de seus trabalhos.

A escritora também foi forte influência para movimentos feministas que surgiram ao longo do tempo, por representar a capacidade feminina de atuar de igual para igual com os homens no campo da literatura, mas Shelley carregou por muito tempo o peso de ser esposa de Percy Shelley, onde ele tinha mais destaque que a própria mulher. Mary e Percy Shelley tiveram quatro filhos, mas apenas um deles acabou sobrevivendo, seu nome era Percy Florence². O casal morou na Itália, mas Percy Shelley acabou por sofrer um acidente quando se afogou durante uma tempestade, que acarretou no naufrágio de seu barco. No trecho retirado do diário de Shelley, podemos observar:

Durante oito anos comuniquei com ilimitada liberdade com alguém cujo gênio transcendia a grande distância o meu, despertava e guiava os meus pensamentos. [...] Agora estou só oh, tão só! [...] Pensei em como tinha sido superiormente privilegiada ao estar unida a alguém a quem me podia revelar e que me podia compreender! Bem, agora estou reduzida a estas páginas brancas que mancho com negras imagens (FELDMAN; SCOTT-KILVERT, 1995, p. 429-30 apud MYOTIN, 2018, p. 23-24).

² Informações disponíveis em: <https://grupoautentica.com.br/autentica/autor/mary-shelley/1814>. Acesso em 21 de novembro de 2022.

A trágica morte de seu marido deixou a escritora abalada, onde decidiu ir embora da Itália junto com seu filho, mesmo tendo a vontade de continuar lá vivendo de seus projetos, mas acabou por regressar para Londres.

Mary Shelley é dona de muitas obras literárias, como *Valperga*, *Mathilda*, *The Last Man*, *Frankenstein* e muitas outras. Mas de fato *Frankenstein* tem um destaque dentro de sua história como autora por vários aspectos, como por exemplo por sua influência para o movimento do Romantismo, por trazer o gótico para a obra. De acordo com Carter e McRae (1998, p. 265-266, tradução nossa):

No contexto do período romântico da literatura, os escritores “góticos” são centrais na medida em que continuam uma tradição que desafia a ênfase na razão, controle e ordem que caracteriza a literatura do início do século XVIII. Romances góticos como Frankenstein exploram os recessos mais profundos da psicologia humana, sempre enfatizando o macabro, o incomum e o fantástico e preferindo a realidade da imaginação subjetiva³.

Frankenstein é conhecido mundialmente como um clássico da literatura e sempre está em destaque entre as obras de Mary Shelley, pois o livro influenciou gerações, destacando-se como um clássico da literatura mundial, em especial no que concerne às características góticas. A obra passou a ser vista de forma crítica pelos leitores por trazer aspectos da ciência, de movimentos ecologistas e várias outras questões, como a política, por exemplo. É interessante destacar que, após a análise desta obra de Mary Shelley, foi ainda mais perceptível que a autora nunca dependeu do nome de seu marido, pois tinha conhecimento e muito potencial para escrever suas obras.

Nos anos finais de sua vida, Mary Shelley passou a ter dores de cabeça constantes e outros sintomas que o médico da escritora acreditou se tratar de um tumor cerebral. A medicina na época não foi capaz de reverter o quadro de Shelley que, em fevereiro do ano de 1851, veio a falecer em Chester Square, aos 53 anos de idade⁴.

A vida e carreira de Mary Shelley de fato não foram perfeitas, a sua história carrega muitas tragédias, escândalos e injustiças, mas isso não foi o suficiente para abalar o impacto da mesma como escritora, cuja obra atravessa gerações. Seus trabalhos foram eternizados pelo seu talento ao demonstrar habilidade naquilo com o que trabalhava.

4 ESPECISMO

O ser humano vem ao longo da história exaltando sua própria imagem, seus próprios direitos e os deveres que lhes são convenientes, mas essa exaltação da própria imagem o faz pensar que torna a raça humana superior a tudo aquilo que não condiz com a sua imagem e semelhança. Isso é válido para todos os seres vivos

³ No original: “In the context of the Romantic period of literature, ‘Gothic’ writers are central insofar as they continue a tradition which challenges the emphasis on reason, control and order which characterises early eighteenth-century literature. Gothic novels such as Frankenstein explore the deepest recesses of human psychology, always stressing the macabre, the unusual and the fantastic and preferring the reality of the subjective imagination” (CARTER; MCRAE, 1998, p. 265-266).

⁴ Informações disponíveis em: https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805133&SecaoID=816261&SubsecaoID=935305&Template=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=545453#:~:text=Perdeu%20filhos%20quando%20ainda%20era,suspeita%20de%20um%20tumor%20cerebral. Acesso em 21 de novembro de 2022.

existentes no mundo, os quais são dominados e, na maioria das vezes, feridos de todas as formas possíveis por uma suposta superioridade humana.

Assim como o racismo, ou qualquer outro tipo de preconceito, existe uma nomenclatura para esses atos do ser humano para com os seres que são categorizados como o oposto do homem. Tal nomenclatura é o especismo, termo cunhado por Peter Singer (2010) a partir do qual nos permite refletir sobre os desejos de um hegemônico grupo explorador em relação aos animais não-humanos, o qual denota a sua tendência egocêntrica em relação às formas de vida. Tendo em vista essas condições precárias onde o ser humano situa os animais não-humanos, é preciso compreender o valor de todas as espécies no meio-ambiente para entender as atitudes exploratórias que essas espécies sofrem para poderem sobreviver no meio humano.

É preciso deixar claro que não se trata de uma maneira de compactar os direitos do próprio ser humano, mas uma forma de enaltecer os direitos daqueles que são suprimidos e têm as condições do próprio corpo e o direito a vida violados por alguma ideologia a partir da qual se acredita que os animais não são dignos do bem-estar por não se encaixarem nos padrões daquilo que a sociedade prega. Vale destacar que de fato essas ideologias de uma pirâmide social que situa os seres não-humanos sempre abaixo dos seres humanos é algo enraizado culturalmente pelas sociedades, o que leva o pensamento da maioria da população a naturalizar violências e explorações contra determinados indivíduos e grupos com base em um pensamento racista, racialista e especista de categorização dos seres, tomando como modelo o padrão humano, branco e heteronormativo. Em consonância com Márcia T. Felipe (2003, p. apud LIBANORI; JARDIM, 2013, p. 3), “[...] ao expandir o grupo moral, o ser humano dilata o significado de sua existência”.

O especismo, como doutrinação, é de fato preponderante para os estudos que visam compreender todo esse tipo de preconceito e marginalização de espécies. Pois, desde os primórdios da civilização, o ser humano sempre utilizou sua capacidade de raciocinar para reprimir animais, sejam de diversas maneiras, como utilizar a força de animais para mover moinhos, para carregar carruagens, ou consumir sua carne. O fato é que desde o surgimento da raça humana, os animais passaram a servi-los de várias maneiras possíveis, e isso não mudou desde então, pois essa forma de se colocar como mais importante que a espécie não-humana foi passada de forma cultural de geração em geração, como se a tortura fosse algo extremamente natural, pois levam em consideração a imagem e semelhança como parâmetro de direitos e isso é absorvido por gerações diferentes a cada ano que passa, e sempre invalida o discurso do direito não-humano. Animais vivem como prisioneiros eternos dentro da sociedade, e além de existir uma prisão física, existe também uma prisão de suas ações, de suas vontades e de sua própria natureza.

O ser humano deveria ter a necessidade de entender suas semelhanças com os animais não-humanos, a maior dessas semelhanças é obviamente a vida. A vida deve ser respeitada, não necessariamente apenas não a tirando, pois, muitos seres vivos acabam por apenas sobreviver, e não de fato viver, já que seus direitos são violados, sua liberdade é aprisionada e passam a vida completa apenas servindo aos seres humanos.

A exploração dos animais não-humanos é uma barreira gigante a ser derrubada, pois o humano acredita que tem o direito de explorar esses seres e simplesmente ignorar o fato da existência de uma vida. Ignoraram totalmente a capacidade deles em sentirem dores, a dor física que escraviza o corpo, que reprime dos movimentos, que impede um grito maior. Mas além da dor física, existe a dor

psicológica, essa sim é a maior ignorada por um humano, por acreditar que por os próprios serem únicos e racionais, somente eles podem sentir a dor que vai além do físico, que somente eles podem sentir a tristeza dentro de suas mentes e invadindo a própria alma. Os animais não-humanos também choram, mas suas lágrimas não são levadas a sério.

Os seres humanos acabam por selecionarem algumas espécies para “amarem” e para serem suas favoritas, isso é grave. A pauta da imagem volta a ser levantada nessa questão, pois aquilo que os seres humanos julgam como algo bonito, algo agradável não deixa de ter o direito violado. Criaram uma condição para esses animais de pequeno porte e “domáveis” como os domésticos, como se os próprios fossem simples objetos que pertencem a uma sala, ou um quintal. Mas é claro que o problema vai muito mais além quando compreendemos que aquilo que não é bonito para o ser humano, é ainda mais reprimido, ainda mais colocado como algo perverso. Esses seres que não são vistos com bons olhos pelos humanos, passam muitas vezes a serem totalmente ignorados ou extremamente temidos.

Assim, o medo humano é algo que o torna ainda mais dominador, pois aquilo que é uma ameaça para eles, deve ser dominado, deve ser controlado. É interessante que dentro de sua própria espécie, já existe dominações dos próprios e isso se multiplica quando é voltado ao animal não-humano. Por isso é necessário que os humanos repensem e revisem o seu comportamento, pois, como aponta Derrida, “na escala dos séculos vindouros, acredito em verdadeiras mutações em nossa experiência de animalidade e em nosso laço social com outros animais” (DERRIDA, 2004, p. 91).

A solidão vivida pelos animais não-humanos é algo importante para destacar, pois é preciso entender que esses seres não têm quem os defenda quando estão sendo reprimidos. Assim como os seres humanos, todas as espécies têm a necessidade de ter outros ao seu lado, que sejam da mesma espécie ou não, mas necessitam sentir que não estão sozinhos, além da reprodução ser fundamental para que possam dar continuidade a suas espécies.

O papel da comunicação, da educação e leis nesse processo onde a sociedade invalida o direito de espécies é realmente algo assustador, pois deveriam, antes de tudo, irem contra essa doutrinação da ameaça, da falta de direito de uma espécie sobre outra. Infelizmente todas as opressões estão interligadas e sempre dispostas a irem ainda mais além do que já foi feito, oprimir ainda mais espécies, que a própria mídia, por exemplo, coloca de forma implícita como inferior.

Partindo para uma questão histórica e cultural, é possível associar o especismo ao antropocentrismo, movimento que acreditava que o homem era o núcleo do mundo, que tudo só acontecia por meio do próprio, em que a razão da vida e do próprio universo estava voltado ao homem. A partir dessa visão do antropocentrismo é possível compreender o que separava o homem dos animais: pois enquanto ele estava no centro, os animais não-humanos se encontravam na margem desse universo criado unicamente e exclusivamente para o homem.

É importante enfatizar que em decorrência dessas visões de mundo, dos meios de comunicação, de questões culturais para toda a sociedade, a violência aos animais não-humanos ocorre muitas vezes de forma que nem mesmo o próprio homem percebe o que está fazendo, a dor que está causando a um animal ao não o respeitar, evitando entender a importância que cada ser tem dentro do mundo.

A falta de respeito em relação à importância da vida animal vai além do preconceito do animal homem sobre o animal não-humano, pois a própria sociedade adota nomes literais de animais para ofender o outro, como se comparando um

homem a um animal não-humano diminuísse a sua significância; algo que tenta destruir ou desqualificar a importância dos animais. Desse modo, observamos uma carência no tocante à legislação que venha a assegurar melhores condições de vida e de sobrevivência aos animais não-humanos. As leis tem uma importância fundamental para um futuro em que a dor dos animais não-humanos seja amenizada.

O homem em seu discurso e ideologias acredita que a importância dos animais para o planeta é algo insignificante; que os torturar de todas as maneiras possíveis é um mal necessário e que não existe uma forma eficaz para mudar isso, tendo em vista que mesmo após a queda de ideologias como o antropocentrismo, o homem continua se colocando como o ser mais importante do universo. Inclusive passam até mesmo se colocarem à frente da própria natureza que os mantem vivos, como se fossem um elemento a parte dela. Então, com os animais não-humanos não seria diferente, sempre acreditaram e continuam a acreditar que os animais existem para servi-los, vesti-los e alimentá-los, para que sejam caçados, mesmo que isso custe a vida de um ser que não fez absolutamente nada para ser castigado de tal forma.

Apesar do medo, ainda existe a fúria animal para tentar resistir aos abusos do homem e, por muitas vezes, conseguem resistir a um determinado ataque. Assim, a partir de um instinto de sobrevivência, os animais não-humanos são tratados como algo selvagem e que deve ser controlado imediatamente. Neste sentido, vale ressaltar que na própria lei dos homens, algo parecido é denominado como legítima defesa. Mas os humanos invalidam esse direito do animal de não querer perder sua liberdade e viver o resto de seus dias servindo a uma espécie que acredita ser superior.

5 A REAÇÃO DE VICTOR FRANKENSTEIN SOBRE SUA CRIAÇÃO

Retomando o conceito de especismo na sessão anterior, o personagem que coloca em prática esse tipo de preconceito já demonstra suas intenções antes mesmo da criação de uma nova espécie.

Victor Frankenstein é apresentado na obra como alguém de extremo empenho aos seus estudos e possuía um grande projeto que ia além de qualquer outra coisa que ele já tenha pensado antes. Frankenstein estava interessado no “princípio da vida” onde depois de longos dias e noites de estudos, conseguiu descobrir a causa da geração de vida. Ele então refletiu sobre a possibilidade da criação de vida a partir de partes de corpos pertencentes a cadáveres. “Uma nova espécie abençoar-me-ia como criador e origem; muitas personalidades felizes e excelentes deveriam a mim a própria existência.” (SHELLEY, 2017, p.92).

Mas, ao concluir, de fato conseguiu observar que sua criação denominada como uma “nova espécie” não estava agradando-lhe. Ao se aproximar, ele conseguiu enxergar a fisionomia da criatura que não era semelhante à de um ser humano comum. É a partir de então que passamos a analisar o ato de Victor Frankenstein, em que, ao observar sua criação já com vida, repudia-a. Em um primeiro momento, o desprezo de Frankenstein era evidente para a criatura. Ao decorrer das horas, ainda sim ele mantém a distância de sua criação, como uma forma de evitar contato e até mesmo não acreditar que criou aquele ser.

avistei o desgraçado — o monstro miserável que criara. Afastou o reposteiro da cama e seus olhos, se é que poderia chamá-los dessa forma, fixaram-se em mim. Abriu a boca e murmurou alguns sons inarticulados, enquanto um sorriso de esgar enrugava-lhe as bochechas. Era possível que tivesse falado,

mas não pude ouvi-lo. Estendeu uma das mãos, aparentemente para me deter, mas escapei e desci correndo pelas escadas. (SHELLEY, 2017, p. 98)

Na perspectiva do trecho supracitado da obra, torna-se possível compreender que Victor Frankenstein já tratava sua criação com total desrespeito e irresponsabilidade. Tal visão acerca de sua criação é reflexo do caráter especista das ações humanas que repudiam o que lhe é diferente, o outro. Esse outro é tomado como base para que o homem crie padrões diádicos de divisão que situa em polos opostos o forte e o fraco, o branco e o negro, o humano e o animal, o masculino e o feminino etc. Tais relações são naturalizadas e perpetuadas ao longo do tempo com vistas a garantir um lugar de superioridade ao opressor, enquanto este busca justificar as atrocidades que comete. Nesse sentido Wolfe (1998, p. 39, tradução nossa) faz a seguinte observação:

[O] conceito humanista de subjetividade é inseparável do discurso e da instituição de um especismo que se baseia na aceitação tácita de que a plena transcendência ao humano requer o sacrifício do animal e do animalesco, que por sua vez torna possível uma economia simbólica em que podemos nos envolver em uma 'morte não criminosa', como Derrida diz, não apenas de animais, mas também de humanos, marcando-os como animais⁵.

Desta maneira, em *"Para uma filosofia do ato responsável"* Bakhtin responsabiliza o caráter e o ato do indivíduo como formadores da sociedade, onde o ser humano tem a responsabilidade sobre os próprios atos. Bakhtin discorre ainda sobre a liberdade do ser humano, que necessita ser utilizada de forma responsável para que mantenha a sociedade firme e longe de conflitos. Pensando nisso, levamos em consideração o ato praticado por Victor Frankenstein, quando repudia sua criação e se sente aliviado ao perceber que a criatura "desapareceu", porém não reflete sobre possíveis consequências sobre seus atos.

Nesse sentido, Victor Frankenstein necessitava de mais cautela sobre a decisão de repudiar sua criatura, visando que se é necessário ter certeza do seu próprio ato, sabendo as consequências que ele poderá trazer não apenas para o indivíduo, mas para a sociedade como um todo. Frankenstein teve total liberdade para pensar e criar um novo ser, mas não foi feliz em suas escolhas para com a criatura, que logo viveu momentos de angústia pela solidão causada pelo desprezo de seu criador e até mesmo a forma como foi criada.

Na obra *O animal que logo sou*, de Jacques Derrida, observamos como o homem, assim como ocorre com Frankenstein, possui atitudes fáusticas por meio da tentativa de manipular a natureza e as vidas ao seu redor o que denota o individualismo que marca a modernidade. Frankenstein apresenta, assim, práticas antropocêntricas de manipulação e intervenção por meio de experimentações a serviço da alimentação de seu próprio conhecimento. Em consonância com Derrida, observamos que:

⁵ No original: "[T]he humanist concept of subjectivity is inseparable from the discourse and institution of a speciesism which relies on the tacit acceptance that the full transcendence to the human requires the sacrifice of the animal and the animalistic, which in turn makes possible a symbolic economy in which we can engage in a 'noncriminal putting to death', as Derrida phrases it, not only of animals but of humans as well by marking them as animal" (WOLFE, 1998, p. 39).

No decurso dos dois últimos séculos, estas formas tradicionais de tratamento do animal foram subvertidas, é demasiado evidente, pelos desenvolvimentos conjuntos de saberes zoológicos, etológicos, biológicos e genéticos sempre inseparáveis de técnicas de intervenção em seu objeto, o vivente animal: pela criação e adestramento a uma escala demográfica sem nenhuma comparação com o passado, pela experimentação genética, pela industrialização do que se pode chamar a produção alimentar da carne animal, pela inseminação artificial maciça, pelas manipulações cada vez mais audaciosas do genoma, pela redução do animal não apenas à produção e a reprodução superestimada (hormônios, cruzamentos genéticos, clonagem etc.) de carne alimentícia mas a todas as outras finalidades a serviço de um certo estar e suposto bem-estar humano do homem (DERRIDA, 2002, p. 51).

Diante desta perspectiva, é possível a análise dos atos da Criatura, visando que ela tinha a consciência de seus direitos como um ser pensante, pois acreditava que não era justo observar a vida ao redor e não poder desfrutá-la. Em um dos ocorridos, a Criatura se encontra com Victor Frankenstein, onde a mesma exige que o seu criador cumpra com seu dever, pois tem o direito de ter sua vida, mesmo que não igual aos que ele sempre observou:

— Demônio! — exclamei. — Como ousa aproximar-se de mim? Não teme a vingança feroz de meu braço sobre sua cabeça miserável? Vá embora, vil insignificância! Ou melhor, fica para que possa esmagar-lhe até que vire pó! E, oh, que possa, ao aniquilar sua existência desgraçada, restaurar as vítimas que diabolicamente assassinou!

— Esperava por esta recepção — disse o espirito maligno. — Todos os homens odeiam o ignóbil; como devo ser odiado, eu, a mais miserável de todas as coisas vivas! (...) Como se atreve a brincar com a vida? Cumpre o seu dever para comigo e cumprirei o meu para contigo e para com o restante da humanidade. (SHELLEY, 2017, p. 141)

Os embates entre Victor Frankenstein e a Criatura expressam a forma como todo ser humano, neste caso um ser projetado, mas que é pensante e tem seu físico formado por fragmentos humanos precisa de fato procurar um espaço no mundo, respondendo-o de forma que possa ser notado. Para a Criatura, Victor tinha o dever de prestar seu apoio para ela, mas isso não aconteceu e a mesma passou a ser desprezada. Isso gerou situações em que a criatura entendeu que não poderia viver de tal forma, longe de toda sociedade, onde em todas as suas tentativas de conexão com qualquer pessoa foi totalmente frustrada e deprimente para ela, e então passou a tratar Victor como um inimigo e único responsável por toda a dor que tinha sentido. A criatura tinha a necessidade de responder ao que o mundo estava lhe oferecendo.

Ao longo da obra “Frankenstein” de Mary Shelley, a criatura desde seu surgimento passou a ser desprezada e a viver a angústia de sua solidão, não cabendo na sociedade que a rodeava. Ela então passa a tentar meios de viver procurando no outro o que sonhava para si, mas ainda assim deparava-se com o medo e pavor alheio em decorrência de sua forma física nada habitual para um ser humano, visando que sua altura e toda a estrutura de seu corpo não eram normais para os padrões humanos. A cada oportunidade que tinha para entrar em contato com alguém em que observava, sempre encontrava o sofrimento por não receber aquilo que esperava. Embora toda a dor que sentia a cada decepção, ainda sim partia para uma nova tentativa. Mas a maior de suas decepções era o desprezo de Victor Frankenstein para

com a mesma, pois não entendia os motivos de colocar uma vida no mundo para trazer o sofrimento para tal.

A partir de todos os sofrimentos vividos pela criatura, recorreremos ao livro *Para uma filosofia do ato responsável* para entender a forma como a ela tenta didatizar sua dor como meio de aliviar e evitar um possível sofrimento do outro. No livro, é exposto que a dor é algo incalculável, onde apenas quem a vive pode medir de fato a sua intensidade, e que está realmente privado somente a pessoa quem a sente falar sobre a dor. Toda a angústia pode ser didatizada para que auxilie o outro a não passar por ela, como forma de construção do próprio ser. Assim explica Bakhtin:

E nos lembra, nesse sentido, que a dor e a tristeza de cada indivíduo não são mensuráveis e que, por consequência, a experiência vivida não pode ser pensada pela ciência, já que seu método se funda justamente na mensurabilidade (para ela, só é real o que pode ser medido). Bakhtin talvez completasse este raciocínio dizendo, no mesmo diapasão kierkegaardiano, que o evento da minha dor e da minha tristeza não pode ser pensado, conceitualizado, mas somente vivido de seu interior. (BAKHTIN, 2010, P. 118 – 119)

Nos momentos finais da obra, onde Victor Frankenstein se mostra fraco e já de encontro com a morte, a criatura indaga o homem que navegava enquanto cuidava e ouvia atentamente tudo dito por Frankenstein, o perguntando se ele conhecia de fato o homem a quem cuidava e todas as dores que ele causou. Associando tais momentos a estudos sobre o discurso da dor imensurável debatida por Bakhtin, é entendível que a criatura imagina que nenhum ser deveria passar por tudo que passou. Assim ela encontra o frágil corpo de Frankenstein aos cuidados do Capitão Robert Walton:

Você, que chama Frankenstein de amigo, parece ter conhecimento de meus crimes e dos infortúnios dele. Os detalhes, porém, que ele ofereceu de tais feitos não resumem as horas e os meses de desdita que suportei, perdido em paixões impotentes. Enquanto destruí suas esperanças, não satisfiz meus desejos. Eram eternamente impetuosos e potentes; ainda desejava amor e companhia, que me eram recusados com desprezo. (SHELLEY, 2017, p. 268-269)

A criatura completa essa didatização de sua dor, assumindo seus erros e colocando-se também como culpado, mas não tirando a culpa de quem causou toda a dor e ódio que se faziam presentes em seu coração. Era totalmente evitável tudo que ela vivenciou, mas o ato não responsável de Victor Frankenstein a levou a responder justamente por ser um ser responsivo, mas ao final, compreendeu toda injustiça que causara a inocentes. Para o alívio de todas as suas angústias, a criatura escolhe por tirar a própria vida:

Farei uma pira funerária e consumirei nas chamas esta carcaça miserável, de modo que meus restos não possam lançar luzes para nenhum patife curioso e ímpio que possa criar outro como eu. Morrerei. Não sentirei mais as agonias que neste momento me consomem ou serei presa de sentimentos insatisfeitos e inextinguíveis. Aquele que me trouxe à vida está morto; e quando eu deixar de existir, a própria lembrança de ambos se esvairá rapidamente. Não mais verei o sol ou as estrelas ou sentirei o vento bater em meu rosto. (SHELLEY, 2017, p. 269)

Desta maneira, a criatura de fato procurou o alívio de suas dores na própria morte, mesmo sendo de forma tão radical, foi assim que o interior dele conseguiu se livrar de todo o peso que carregava em sua alma. Porém, ele também entendia que

foi até o fim de sua promessa, onde levaria Victor Frankenstein ao fim e foi assim que ele o viu pela última vez, morto.

Este trabalho utilizou perspectivas ecocríticas para compreender a construção do ser humano como ser racional que coloca os demais seres como seu oposto, e assim todas as análises voltadas aos dois personagens principais da obra "*Frankenstein*" de Mary Shelley tem o papel de compreender os estudos dessa construção especista que se estrutura no "preconceito ou atitude tendenciosa de alguém a favor dos interesses de membros da própria espécie, contra os de outras" (SINGER, 2010, p.11).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de toda a análise crítica em torno do especismo, e das ações de Victor Frankenstein e sua criação nas seções anteriores, é possível compreender que toda a realidade vivida por espécies não-humanas, podemos concluir que de fato é preciso que as leis que defendem o direito animal sejam levadas a sério em todo mundo, para que esses seres sejam protegidos e para que possam evitar a propagação da dor, uma dor que vai muito além da física. O homem precisa compreender que aquilo que não está de acordo com suas expectativas não é necessariamente incorreto.

O exemplo da criação de Victor Frankenstein faz com que as pessoas compreendam a dor que espécies podem sentir ao terem seus direitos violados de tal forma que tira o direito delas de viverem.

Dessa maneira, necessita também aceitar que não é preciso algo ser sua imagem e semelhança para que possa ter respeito, para que possa ter direito a vida e a atenção dos próprios; pois a vida deve prevalecer, precisa ser respeitada além de qualquer ideologia. Narrativas que distorcem a importância animal devem ser rompidas para a construção de uma sociedade que compreenda seus deveres para com os animais não-humanos. É preciso deixar claro que a luta pelo direito das mais variadas espécies não tem a intenção de compactar os direitos dos seres humanos, mas apenas de igualar direitos.

REFERÊNCIAS

Anon. (2022) Exaequo.apem-estudos.org. Disponível em: https://exaequo.apem-estudos.org/files/2016/08/30_uma_mulher_singular_mary_shelley_1797_1851.pdf.

Acesso em 14 de nov. de 2022.

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 140 p.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FELDMAN, Paula R.; SCOTT-KILVERT, Diana (orgs.) (1995), *The Journals of Mary Shelley 1814- -1844*, Baltimore e London, The Johns Hopkins University Press. [Oxford, Clarendon Press, 2 Vols., 1987].

MYOTIN, Jade de Freitas. “**COMO DEVO SER ODIADO, EU, A MAIS MISERÁVEL DE TODAS AS COISAS VIVAS!**” **Analisando Frankenstein de Mary Shelley.** Catalão, 2018. 45 p. Monografia (Bacharelado em História). Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão – Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein** / Mary Shelley ; tradução de Márcia Xavier de Brito, Carlos Primati ; ilustrações de Pedro Franz. — Rio de Janeiro : DarkSide Books, 2017.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica in. **Métodos de pesquisa.** GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.